

Performances do orgulho passivo¹

Thiago Rizan²

Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo – ESPM-SP

Resumo

Este artigo, fragmento de um doutorado em andamento, investiga como criadores de conteúdo adulto no Brasil tensionam o imaginário social da passividade sexual masculina no país. Ao capturar rastros midiáticos, esta comunicação se propõe a pensar a emergência de uma subjetividade que performa a passividade sexual masculina com orgulho, rasurando o imaginário social que a estigmatiza. O artigo parte de cartografias anteriores de Michel Misse e Peter Fry, além da concepção expandida de Richard Schechner sobre performance, para entender como alguns homens gays estão resignificando a passividade sexual masculina no contexto pós-massivo contemporâneo, transformando-a no que chamamos de “performance do orgulho passivo”. O objetivo é contribuir para uma compreensão da sexualidade masculina que possibilite formas de ser e estar no mundo menos subalternizadas e assujeitadas por ideais hegemônicos.

Palavra-chave: performance do orgulho passivo; performance da passividade sexual masculina; imaginário da passividade masculina.

Para pensar a passividade

“Muitos pensam que o cara da quebrada não pode ser passivo no sexo, e eu tento quebrar esse pensamento. Por que eu, cheio de marra, tenho que ser só ativo?”. “Tive essa vontade de querer desafiar, de sentir tudo ao mesmo tempo, de saber até onde posso ir, ter vários paus só pra mim, sabe?”. Ambas as falas são trechos capturados a partir de entrevistas de produtores de conteúdo adulto no Brasil: a primeira é de Bruno ZL, conhecido nas redes sociais digitais como Novinho da ZL, em entrevista para o G1³; e a segunda é de Petrick Garcia, que gravou, em 2023, uma cena como passivo sexual com 28 ativos, em entrevista para revista Híbrida⁴.

É a partir de rastros midiáticos como esses que começamos a pensar sobre a possibilidade de um tensionamento ao imaginário social da passividade masculina no

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Técnicas e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP), e-mail: thiago.rizan@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/12/16/muitos-pensam-que-o-cara-da-quebrada-nao-pode-ser-passivo-no-sexo-diz-bruno-zl-um-dos-maiores-criadores-de-conteudo-18-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

⁴ Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-8-desejo/petrick-garcia-28-bastidores-entrevista/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Brasil. Se outrora, a passividade sexual masculina era compreendida como um estigma, parece-nos que no contexto pós-massivo contemporâneo, há uma subjetividade insurgente que se orgulha da própria passividade.

Tal reflexão faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), que se dá no âmbito do grupo de pesquisa CNPq Juvenália, coordenado pela Profa. Dra. Rose de Melo Rocha, no qual os integrantes se interessam por questões estéticas, raciais, geracionais e de gênero na comunicação e no consumo.

Para fim de delimitação desta comunicação, interessa discutir crítica e teoricamente a emergência de uma passividade sexual masculina que se dá a ver por meio da produção, circulação e consumo audiovisual no contexto pós-massivo contemporâneo que sugere, ao nosso olhar e com o auxílio da performance enquanto operador conceitual, a insurgência de uma subjetividade que transforma o estigma do passivo em um orgulho passivo.

Uma cartografia dos rastros

Tributários da “teoria dos rastros” de Walter Benjamin (2009) e do “método interpretativo centrado sobre os resíduos” de Carlo Ginzburg (1989, p. 149), escolhemos pensar a “produção de um saber dos rastros” como “via privilegiada de conhecimento nas ciências humanas e sociais” contemporâneas tal como propõe Fernanda Bruno (2012, p. 3).

No contexto pós-massivo do século XXI, “rastros digitais”, conforme descrito pela autora, são uma fértil possibilidade de investigação. Bruno (2012) caracteriza-os como vestígios de ações realizadas em espaços digitais (sites, redes sociais digitais, plataformas de vídeos etc.), podendo ou não serem produzidos por humanos, uma vez que há rastros deixados por processos automatizados de “agentes maquínicos e não humanos”.

A opção por investigar pelos interstícios, em busca de pegadas virtuais não-lineares, se dá em uma lógica de “mídias de função pós-massiva”, descrita por André Lemos (2007) como aquela na qual os fluxos comunicacionais são bi-direcionais (todos-todos), diferentemente do fluxo unidirecional (um-todos) das mídias de função massiva do século XX. A lógica pós-massiva permite fenômenos como o aqui estudado no qual

há uma produção de conteúdo adulto centrada na passividade para um consumo de nicho, permitindo estabelecer vínculos, neutralizar intermediações e interagir diretamente com audiências (LEMOS, 2007).

Dito isso, tal como Rose de Melo Rocha e Claudia Ferraz (2019), posicionamo-nos, então, como “caçadores de rastros”, coletando pistas para uma “cartografia” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015; ROLNIK, 2006) em ebulição. Se na investigação sobre o corpo falante Triz Rutzats, as pesquisadoras coletam postagens em redes sociais digitais, vídeos e videoclipes, aqui, caçamos trechos de entrevistas (em texto e em vídeo) espalhadas na internet dos quais nos valem para nossas reflexões como rastros midiáticos de atores sociais que nos ajudam a pensar movimentações em curso.

Pistas do imaginário social da passividade masculina no Brasil

Suely Rolnik (2006, p. 66) ensina que “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” e um cartógrafo deve se servir das fontes mais variadas para dar expressão a afetos e subjetividades que pedem passagem. Assim, mesmo não chamando seus trabalhos de cartografias, tomamos os estudos de Michel Misse (2003) e Peter Fry (1982) como pistas cartográficas do imaginário social da passividade masculina no Brasil. Os autores apontam as cadeias imaginárias em circulação que associam a passividade masculina a um detrimento do homem que é penetrado. Isso ocorre tanto no âmbito da linguagem e expressões do cotidiano como no discurso médico-científico do final do século XIX e início do século XX.

De modo geral, o próprio termo “passivo”, no imaginário brasileiro, é relacionado a “mole”, “bobo”, “submisso”, “aceita tudo”, “idiota”, “fresco”, “viado”, “medroso”, “fraco”, “covarde”, “palerma”, “bunda mole”. Já para ativo foram usados “sujeito de ação”, “enérgico”, “imponente”, “dominador”, “impõe”, “resolve”, “homem”, “macho”, “corajoso”, “forte”, “agressivo”, segundo identificou Misse (2003) ao questionar seus entrevistados sobre qual o significado de passivo para eles.

Quando analisa especificamente os palavrões e expressões de gírias brasileiras, o autor aponta que tudo que é relacionado ao pênis confere prestígio ao portador, enquanto vagina e ânus apontam para estigmas. Ele escreve:

Todos os objetos relacionados simbolicamente com o pênis são de forma densa, pesada, forte, agressiva, invulnerável (“pau”, “cano”, “barra”, “ferro”). Servem como símbolo de vitória e prestígio, mas denotam dificuldade e heroísmo. Os símbolos para a vagina (ou o ânus) são intrinsecamente pejorativos, recordam ação indesejável, são feios e devem ficar sempre escondidos (“fossa”, “segredo”, “boca”, “moleza”, “boceta”) (MISSE, 2003, p. 76).

A estigmatização da passividade é tamanha que tanto Misse (2003) como Fry (1982) observaram em suas pesquisas que o homem ativo em uma relação sexual com outro homem não é tão estigmatizado quanto o passivo. Nas entrevistas de Misse (2003, p. 77), “viado” é um termo atribuído ao que “dá para outro homem”; já o que “come” pode até, em certas situações, gozar de relativo prestígio ao contar que “comeu um viado, o que pode significar, neste contexto, que o rebaixou, que o estigmatizou, que o ‘fodeu’”. Na etnografia de Fry (1982), é a categoria “bicha” que é utilizada em vez de “viado”, mas com o mesmo sentido e abarcando ainda não apenas o comportamento sexual da pessoa em questão, mas também o “comportamento social”. Assim, no campo de Fry (1982), mesmo que o homem não se relacionasse sexualmente com outro homem, a ele poderia ser atribuída a categoria de “bicha” de acordo com o que contemporaneamente concebemos como performatividade de gênero, ou seja, o modo como ele se colocava no mundo - e era percebido pela sociedade.

Acontece que essas cadeias imaginárias estigmatizantes não estão circunscritas às pessoas heterossexuais. Fry (2003, p. 9) descobriu que alguns de seus entrevistados “bichas” procuravam relações com “homens de verdade”, ridicularizando relações entre duas “bichas” como “quebra louça” ou “lesbianismo”. Dois depoimentos de homens homossexuais pinçados pelo autor ilustram esse pensamento:

É que no próprio homossexual está muito pouco esclarecido a respeito da sua homossexualidade, tanto assim que reproduz, na prática, os padrões heterossexuais, caricaturando as funções de atividade e passividade, por exemplo. Existe sempre aquela “bicha pintosa”, “desmunhecada”, à procura do seu “bofe”, isto é, daquele que vai exercer o papel masculino na relação (MANTEGA, 1979 *apud* FRY, 1982, p. 106)

Há também aqueles homossexuais com mentalidade machista: ao desempenhar um papel “ativo”, acreditam não ser contaminados pela homossexualidade. Para eles, os homossexuais são os outros. São preconceitos machistas dentro de uma sociedade que forjou esses mitos dentro do próprio pensamento homossexual (MANTEGA, 1979 *apud* FRY, 1982, p. 106).

Recorremos, então, a Cornelius Castoriadis (1982), para quem o “imaginário social” é um magma inefável no qual nos fazemos sociedade e articulamos mundos internos e externos. Logo, homens gays não se fazem sujeitos fora desse magma do imaginário e estão nele amalgamado, construindo suas próprias concepções sobre a passividade masculina – de si e dos outros – desde esse lugar.

Diferentemente do que se poderia inferir em um primeiro momento sobre a obsolescência desses estudos dos anos 1970 para refletir sobre a passividade masculina no contemporâneo, colhemos pistas da vigência desse imaginário social da passividade masculina em entrevista do criador de conteúdo adulto gay Marcos Goiano para o canal Põe na Roda, do youtuber Pedro HMC⁵. Goiano é reconhecido no circuito do pornô gay masculino das redes sociais digitais pela sua atuação enquanto passivo sexual nas cenas em que grava. Igualmente famosos são os memes que outros homens gays consomem e circulam ridicularizando-o por isso, conforme ele mesmo admite:

MG: Os passivos na internet são sempre criticados [...].

PHMC: Até na vida, você ouve em rodas de amigos, ‘ah o passivo’. Você nunca vai ouvir o ativo como chacota, como piada.

MG: Justamente, o passivo [referem-se a ele como] ‘ah, aquela arrombada’, ‘aquela larga’. Vários memes que fazem comigo, o BlessedBoy [outro criador de conteúdo adulto conhecido pelas cenas enquanto passivo sexual] e alguns meninos do exterior: ‘o buraco [da camada] de ozônio’, ‘buraco negro’, ‘túnel Rebouças’.

Em outra entrevista, desta vez para o canal no YouTube Pheeno⁶, Goiano reforça a passividade sexual em seus vídeos como motivo de memes: “sou o rei dos *haters* no Brasil [...]. Um grupo no Facebook faz comparações com a minha foto e o túnel Rebouças, túnel Anhangabaú. É uma forma que eles têm de me atacar, mas cada vez que fazem isso aumenta o número de seguidores, de inscritos na minha plataforma. [...]”.

Mas face ao imaginário social estabelecido e à estratégia de memetificação da passividade sexual, alguns rastros midiáticos desses atores sociais - Novinho da ZL, Petrick Garcia e Marcos Goiano - nos fazem cogitar a emergência de subjetividades desafiantes do estigma e orgulhosas da passividade sexual.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7WRThMcb5Ck>. Acesso em 20 jun. 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xjDdoFTrGwI>. Acesso em 20 jun. 2025.

Na mesma entrevista para o Pheeno, Goiano se vangloria: “acredito que aguento grandes tamanhos. Acho que isso é um pouco da revolta deles [os *haters*], por eles sonharem em pegar os tamanhos que pego. Se eu me acho largo? Ainda não, posso ficar um pouco mais”.

Garcia, que gravou a cena com 28 ativos no contexto de celebração dos 25 anos da produtora TIM Porn, também comenta sobre os *haters* de seu trabalho e a hipótese do “despeito” como motivador para as críticas, orgulhando-se do seu profissionalismo. “A cena inteira foi um desafio, mas eu soube lidar muito bem com ela [...]. Isso é meu trabalho. [...] Foram umas 35 gozadas. [...] No final, agradei todo mundo [...] Foi isso aqui que aguentou. [...] Fui guerreiro”, diz em entrevista para o canal Pheeno⁷ apontando para a própria bunda. Entre os desafios a que se refere estavam a preparação com alimentação adequada, repositores de flora intestinal e pomadas antifúngicas e, o principal segundo ele, o calor de ter gravado a cena no quintal de uma mansão alugada no Rio de Janeiro sob sol forte.

Sobre os memes, Garcia entende-os com bom humor e reconhecimento de sua passividade:

Amo os memes. [...] Pode até fazer aquelas montagens com um buracão no rabo. [...] Sempre vi que as pessoas tentavam criticar outros atores da mesma forma: supostamente ofender o passivo com uma foto do buraco deste tamanho [desenha um círculo grande com as mãos no ar] na bunda dele. [...] Gente, se um buraco meu está deste tamanho significa que eu estou dando muito. Isso não me ofende nem um pouco.

O orgulho em “dar muito” e “aguentar grandes tamanhos” de pênis, como nas falas de Petrick Garcia e Marcos Goiano, pode ser depreendido também da entrevista de Bruno ZL ao G1, que acrescenta um marcador periférico ao sucesso de seus vídeos como passivo: “[Esse meu look] representa os meninos da periferia, de onde eu vim, a Vila Ema, na Zona Leste de São Paulo [...] Curiosamente, os meus vídeos sendo passivo são os que mais bombam porque mexem com o imaginário de quem assiste”.

Além do olhar atento ao conteúdo do enunciado desses atores sociais, é necessário reconhecer o próprio local de enunciação como uma pista do orgulho que estamos aqui identificando: são três sujeitos se afirmando pública e deliberadamente como passivos sexuais e discutindo suas performances sexuais de forma positivada para veículos de

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8hYtQP9gg0&t=142s>. Acesso em 20 jun. 2025.

comunicação, incluindo o G1, que faz parte de um dos maiores grupos de comunicação do Brasil, o Grupo Globo. Aqui, não há ocultamento da passividade, pelo contrário, há afirmação. São relances de epistemologias autorais, jovens e urbanas, que “poliocentrizam a comunicação e polinizam narratividades antes subalternizadas” (ROCHA; FERRAZ, 2019, p. 2).

Considerações finais: da performance da passividade sexual masculina à qualificação da performance do orgulho passivo

Estamos pensando as afirmações positivadas dos atores sociais aqui identificados como pistas de subjetividades insurgentes e orgulhosas em uma aproximação com o complexo e flexível conceito de “performance”, especificamente na concepção de Richard Schechner (2013, p. 4), que o faz afirmar “das vanguardas, da marginalidade, do não convencional, das minorias, do subversivo, do bizarro, do *queer*, dos negros e dos outrora colonizados”.

Schechner (2013) é taxativo ao defender que qualquer coisa pode ser estudada *como* performance. Não há nada, segundo ele, intrínseco a determinada ação que a qualifique ou não como performance, de modo que ele propõe que toda ação é uma performance (SANTOS, 2020), então possibilitando usar a lente da performance para pensar tais afirmações/ações/atuações/apresentações sexuais.

[...] no século XXI, distinções claras entre “é” performance e “como” performance estão desaparecendo. Isso faz parte de uma tendência geral em direção à dissolução das fronteiras. Internet, globalização e a cada vez mais onipresente mídia estão saturando o comportamento humano em todos os níveis. Mais e mais pessoas experienciam suas vidas como uma sequência de performances em série que, frequentemente, se sobrepõem [...] (SCHECHNER, 2013, p. 49).

Cabe perguntarmo-nos, então, sobre quais as possibilidades e potencialidades de refletir criticamente sobre uma performance da passividade sexual masculina orgulhosa. Entendemos que em uma dimensão “sexo-política” (PRECIADO, 2014), alguns autores com os quais dialogamos (PRECIADO, 2014; SÁEZ; CARRASCOZA, 2016; VIDARTE, 2019) permitem caminhar com tal noção em desenvolvimento por nós – *performance da passividade sexual masculina* – em direção a uma “ética da passividade”

como defendido por Sáez e Carrascosa (2016) ao pensarem em uma valorização da posição passiva.

Em suas imagens autorais, nossos atores sociais se orgulham de seus malabarismos anais. “Qual passivo nunca sonhou em ter várias rolas?”, pergunta Petrick, enquanto Marcos afirma: “se eu me acho largo? Ainda não, posso ficar um pouco mais”.

Por meio desses rastros midiáticos de *performances da passividade sexual masculina*, observa-se uma rasura ao imaginário social da passividade masculina no Brasil, fazendo-nos pensar inclusive em uma possível qualificação de tais performances.

Poderíamos falar em *performances do orgulho passivo*, mais especificamente? Afinal, nem toda *performance da passividade sexual masculina* no âmbito midiático é necessariamente de orgulhoso e afirmação. Por exemplo, uma hipotética entrevista desses atores sociais em que eles estivessem constrangidos de sua atuação ou representações sociais na mídia que estereotipassem a passividade masculina – como por anos vimos no cinema brasileiro com relação a personagens homossexuais masculinos (LACERDA JÚNIOR, 2015) - possuiriam outras características que não as que encontramos nos rastros midiáticos coletados, como o orgulho do profissionalismo nas gravações, dos malabarismos anais em aguentar os maiores pênis, da memetificação como parte inevitável da recepção.

Talvez tais atores sociais com suas *performances do orgulho passivo*, no âmbito audiovisual pós-massivo contemporâneo, estejam contribuindo para construir, desde o “cu do mundo” (PELÚCIO, 2014), uma “epistemologia que perpassa a superfície da pele, mas, também, por toda as entranhas e que tenha como mote o final do reto” (LEOPOLDO; COLLING, 2016, p. 16), esse lugar ainda obscuro com o qual estamos flertando, esgarçando definições e explorando outras possibilidades de ser e estar no mundo.

Referências

BENJAMIN, Walter. O intérieur, o rastro. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 247-262.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais: o que eles se tornam quando vistos sob a perspectiva da teoria ator-rede?. In: Encontro Anual COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5a. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

LACERDA JÚNIOR, L. F. B. **Cinema Guei Brasileiro**: Políticas de representação e além. 2015, 185 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LEMONS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, São Paulo, n. 1, p. 121-137, p. out. 2007.

LEOPOLDO; Rafael; COLLING, Leandro. Por uma ética da passividade. In: SAEZ, Javier;

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. 3. ed. Rio de Janeiro: Booklink, NECVU, IFICS, UFRJ, 2007.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 7-16.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Periódicus**, v. 1, n. 1, 1-24, maio/out. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1, 2014.

ROCHA, Rose de Melo; FERRAZ, Cláudia. Ciborgue de dreadlocks: o corpo falante Triz Rutzats. In: Encontro Anual Compós, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SAEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro dos. **“Deixe-me ser teu templo de promiscuidade”**: consumo escópico do excesso nas performance-vida e performance post mortem de Hija de Perra. 2020. 230 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, ESPM-SP, São Paulo, 2020.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. 3rd ed. New York: Routledge, 2013.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1, 2019.